

Natal



Que místico poder tem o Natal!
Que força poderosa ele encerra!
Transmuta o desamor, suprime a guerra
e se transforma em dom fundamental!

Milagres do Natal! Como uma prece,
renascer mil valores esquecidos;
homens de corações empedernidos,
retornam à brandura que entenece!

Faltar o bom presente! O simbolismo
traduz a falsa imagem dos conceitos.
Natal é Cristo! É luz, sem preconceitos,
Natal é festa, amor, sem consumismo!

Há lágrimas nos olhos de esperança
de tantos seres, fartos da miséria;
curtem a dor, na alma e na matéria,
buscam a paz, que no Natal se alcança!

Natal é oração de dois mil anos,
lembração de Jesus na estrebaria,
o encantamento de sua mãe, Maria,
refúgio e lenitivo aos desenganos!

Natal é paz, em todas as agruras,
é alento, abrigo, apoio e calma.
O ser humano acolhe, nesse dia,
o inebriante sopro das alturas!

Natal dos sonhos! Fonte de alegrias,
Serena paz ao homem edificante!
Sempre Natal! Natal a todo instante!
Que bom fosse Natal todos os dias!

Walter Argento

Posse de Mário Chamie na Academia Cristã de Letras

Afiz Sadi

Em 1956, formava-se em Direito, na vetusta Faculdade de São Francisco, esse jovem Mário Chamie, então orador da turma. Ouvi, naquela ocasião, um discurso inflamado com rasgos de improvisação que me impressionou sobremodo, razão porque quis conhecer melhor o vibrante bacharel. Soube que nascera numa cidade, fora do mapa de São Paulo, de nome Cajobí, satélite de Olímpia, que também é satélite de São José do Rio Preto. Fez o curso primário no Grupo Escolar de Cajobí e o ginasial no Ginásio Olímpia, na cidade de mesmo nome. Iniciou o Curso Clássico no colégio estadual Presidente Roosevelt, na capital de São Paulo, e, em seguida, o Curso de Direito na Faculdade do Largo de São Francisco. Em 1954, estudante ainda, apresentou a tese *Consciência e Arte Moderna* ao 1º Congresso Internacional de Filosofia, realizado em São Paulo. Aí então obscurece Cajobí e as satélites adjacentes para, em 1958, conquistar o Prêmio Nacional de Poesia em concurso no Rio Grande do Sul – Porto Alegre –, com o livro *Os rodízios*. Fica eclipsada a Comarca principal Rio Preto, com seus pseudópodos já na capital de São Paulo.

Ao lançar *Lavra-Lavra*, instaura a Poesia Práxis no país e conquista o *Jaboti* como o melhor livro de poesia do ano. Estende-se para todo o Brasil e adjacências sua poesia, sua filosofia, sua literatura e sua cultura.

Além de ser um cidadão público, Chamie é conferencista, professor, poeta capaz de, numa linguagem rítmica, exprimir as aspirações do espírito. Chamie o homem público, o advogado e, acima de tudo, o poeta. Sua poesia as-

sinala o momento em que se vive e envolve toda a conjuntura brasileira. Nela encontra-se nossa gente e nosso modo de viver. Em *Lavra-Lavra*, depara-se com o camponês do Brasil; em *Indústria*, vê-se o trabalho operário; em *Planoplênario*, o sistema político, legislativo e religioso e as relações aí contidas entre o poder e o cidadão. Mas seu fulcro, o ser humano, o brasileiro assim descrito: “no espaço do campo, passa o homem e sua miragem./ No espaço da cidade, dorme o homem em sua passagem./ No espaço da consciência gera o vírus a sua coragem./ Por todos esses espaços, de surda força indomável/ passa o espaço da palavra com sua selva sem margem./ Na selva dessa passagem, no centro de sua arena/ age a força do poema, meu objeto selvagem.”

Esses versos, de uma sensibilidade ímpar, de uma profundidade indescritível, espriam-se por todos os recantos da literatura brasileira e latinoamericana, de tal modo que Aguillar de La Torre, arrebatado por eles, assim se manifestou um dia: “essa ruptura da vanguarda literária deve-se ao surgimento de um poeta revolucionário, mas ao mesmo tempo cuidadoso nas inovações poéticas que abriram um ilimitado campo de ação da arte: Mário Chamie que se situa com o seu livro *Objeto Selvagem* é um dos mais importantes poetas da América Latina.”

Impossível descrever Mário Chamie, é um mundo à parte: o homem ultrapassou os limites da normalidade – do que se entende por normal a partir do consciente, dos neurônios ativos até o momento conhecidos da ciência. Sentese a existência de núcleos ainda des-

conhecidos, assestados em algum escaninho do seu cérebro, que o conduzem ao limiar da loucura para transmitir suas idéias revolucionárias, imiscuir-se na profundidade da alma humana e mostrar com sutileza, e muita vez com firmeza, as agruras dos homens e a inconseqüência dos poderes. O político lutando pela cultura, fazendo o impossível e construindo, entre outras obras, o Centro Cultural de São Paulo, a duras penas, hoje um marco vivo à bibliografia e à cultura de São Paulo e do Brasil.

O professor com trabalho de divulgação, diuturno e com conferências pelo mundo à convite e como representante do Itamarati, pela Europa, a serviço da literatura brasileira, na França, Itália, Alemanha e ainda no Líbano e no Egito. Conferências de vanguarda na Universidade de Colúmbia, Nova York, Harvard, Wisconsin e Califórnia, nos EUA.

Seus prêmios são incontáveis tanto no Brasil como no exterior; impossível concorrer com Mário Chamie, hoje é *Hors Concours*. Prosador de elevado mérito; porém, poeta incomparável.

A Academia Cristã de Letras, pelo seu ilustre presidente, professor Adolfo Lemes Giglioli, solicitou-me recebê-lo para sua posse como vitalício desta instituição. Como poderia fazê-lo, se eu, um humilde médico, viesse descrever esse gigante da literatura brasileira, o professor, o prosador, o homem, o maior entre os maiores poetas da América Latina, o cidadão que já tem seu nome garantido na História, inclusive como criador da escola poética praxiana, o orador inimitável, o tribuno incomparável, enfim, esse poeta do mundo. Aceitei o convite porque, além de sempre admirá-lo, pensei

adquirir um nucléolo do seu grande pensar cultural, ainda que por osmose. Muita pretensão da minha parte; basta atentar para trechos poéticos desse Paganini da poesia brasileira: “a palavra oca/ no côncavo do céu/ da tua boca/ não abriga rosas/, nem destila o ácido da tua prosa./ A palavra oca/ no côncavo do céu/ de tua boca/ abriga o fim/ do sítio que cerca e mata/ no estado/ que obriga e cala/ entre as fronteiras/ de tua casa./ Mas ainda assim/ digo a oca fala/ da minha palavra/ no céu da boca/ de tua raiva/. Ou ainda o Fogo no Céu da Boca mostra: Caverna/ Boca/ A vagina da mulher sobre a terra/ Loba/ Adubo/ Este é o buraco sem fundo./ Lodo, pântano, grama, húmus/. Este é o buraco de tudo./ O boi pastava em seu pasto/ e eu ruminava o discurso/ das esperanças do mundo.”

Ao término dessa apresentação, eu ainda diria, pela voz do poeta Mário Chamie, que “nenhuma verdade é lida segundo a mentira ativa de cada dia; nem a mentira é fixa, se se fixa, na palavra estrita da verdade parálitica. Assim, o sofisma não é a verdade prescrita de tudo o que se afirma; nem é o sofista, a cega mentira cínica, que da verdade se esquivava. Nessa paz de guerra fria entre a palavra e a vida, só o poeta sofista faz da palavra sofisma, o elo e a ponte, a fonte e a mina, da verdade e da mentira, num horizonte de esgrimas”.

Senhor presidente Gilioli, grato por essa oportunidade; senhores acadêmicos, autoridades, senhoras e senhores: escusas pelo tempo que tomei, mas tudo isso é muito pouco para distinguir o Mário Chamie; ele é infinitamente maior; é indescritível, porque é um poeta do mundo.

Mário Chamie: as portas da Academia estão abertas para você.

Afiz Sadi
é médico, ex-presidente
da Academia Cristã de Letras

Mato faz bem para a saúde

Manuel Ribeiro do Valle

Numa bela tarde pelos idos de 1980, estava eu descendo pela íngreme Peixoto Gomide quando dei reparo em um senhor barbudo, com óculos de “fundo de garrafa”, debaixo de uma jabuticabeira carregadíssima.

Cara de pau, como estava vestido das alvas roupas de médico, regressando da Santa Casa, puxei prosa e, com simpatia, ele me convidou para chupar algumas prelinhas dulcíssimas.

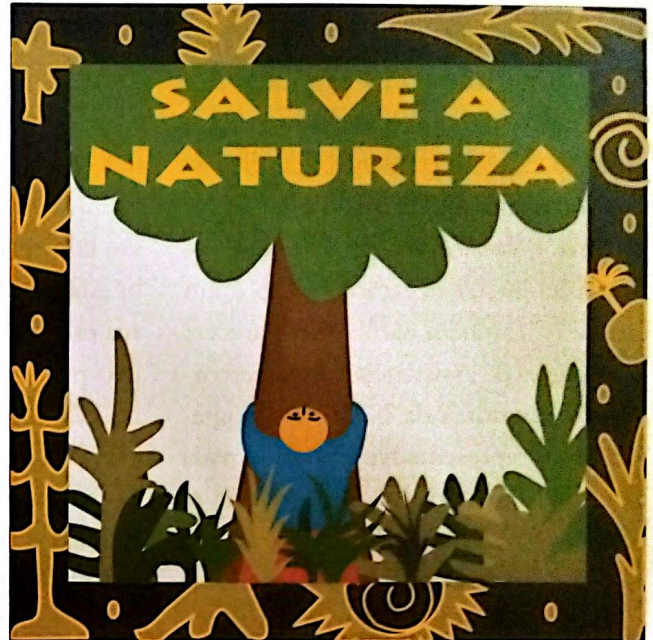
É claro que eu já tinha reconhecido o famoso Orlando Villas Boas e, com muita admiração, pude ouvir algumas histórias inesquecíveis do nosso sertão amazônico.

O hábito branco facilitou a aproximação do indianista, que me confidenciou que não gostava nem de médico nem de pajés, porém não dispensava um chazinho para cortar uma dor de cabeça ou de barriga.

Contou-me aventuras, com seus irmãos Cláudio e Leonardo, que realmente são cativantes.

Com uma dicção não muito apurada, falava-me de tribos e de uma gente tão especial que nunca senti medo, apesar de saber que eles eram até canibais.

O que me marcou foi o amor que havia nas suas palavras e o imenso respeito com que tratava os “seus” índios, os rios e as matas.



Repeti muitas vezes as visitas, e cada vez que o via, ficava de queixo caído com as aventuras no meio das matas das quais ele tanto gostava.

Com isso tudo, passei a associar idéias de infância, como passeios em “São Quirino”, em Campinas (SP), onde meu tio Paulo Nogueira-Neto reproduzia, como um tesouro, uma reserva ecológica com plantas e animais protegidos da fúria urbana que devora violentamente todo verde que passa em sua frente.

Meu avô Cassio Macedo Soares, nos jardins de sua casa, espalhava migalhas de pão atraindo sabiás e bem-te-vis, condenando o estilingue que, por vezes, eu tinha no meu bolso de moleque.

Com o pensamento de que a saúde está ligada à paz e à harmonia da natureza, eu também comecei a pensar ecologicamente.

Manuel Ribeiro do Valle
é médico, ecologista, fundador
da Escola Ecológica Minha
Montanha - Ecomimo

Darkroom

Um negativo em preto & branco e uma foto antiga

Arary da Cruz Tiriba

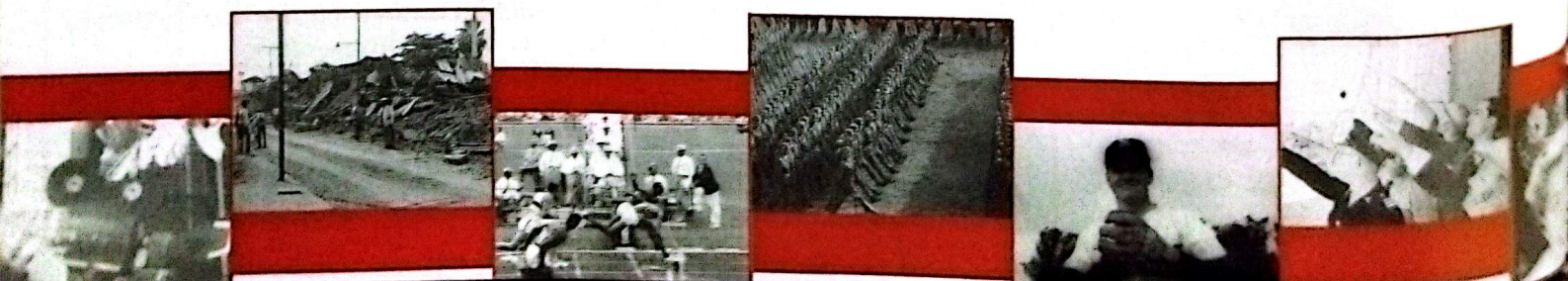
Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI-Unifesp/EPM): intervalo. Faláramos para idosos ansiosos por renovação de conhecimento. Eu discorrera sobre história da medicina; ele, fotografia. “Você é um profissional?” – perguntei-lhe. À negação: “então é um artista?” “Também não” – e esclareceu. Em função de assistência social, percorreria os interiores da Nação e fotografaria cenas representativas, naturais, nada mais. Sua fala consistia em leve tintura sobre *ampliação, revelação, fixação, lavagem* – etapas fotográficas ordenadas – e na exibição de fotos que transmitissem mensagens, emoções. Adiantou: “a câmara escura, para o artista assim como para o amador avançado, desperta intimismo, disciplina, serenidade... a espécie de confessional em que você se descobre o confessante e o confessor. No mistério do escuro, o cofre da alma é violado, permitindo que a mente passe em revista outras modalidades de *exposições e revelações*.” “Como assim?” – indaguei. “Orá! traições de amigos falsos; dardos envenenados que você mirou nos desafetos; ingratidões; rimas poéticas que afloram à cabeça; o primeiro amor...”

‘pausou... para a visão, inesquecível, do cromo da juventude...’

e, em sucessão, os vulcânicos e efêmeros; de outro ângulo, fisicamente – aventalão sob o *filtro de luz vermelha* –, o

fotógrafo é espectro! que não chega a causar grande medo. Adulto ou criança empolgam-se, todos, com a imagem que toma forma gradualmente na *banheira química*, ao mesmo tempo em que são controlados os *tons de cinza*. Percebi sua paixão pelo tema e a razão de sua escolha para professor, ainda que o não-profissional, o não-artista. Continuou: “ensinei fotografia para adolescentes carentes, para assegurar-lhes o ganha-pão futuro. Proferi cursos, ‘A fotografia e o enfermo’, para seus colegas médicos, salpicando arte na fidelidade científica. Na sobra de tempo, transformo a garagem em miniestúdio para *retratar a personalidade*. Na verdade, não lembro como principiei a doutrinar na UATI, mas os velhinhos aplaudem as demonstrações sobre *focalização, enquadramento, composição, harmonia*, e efeitos – a *plástica* e os *planos de fundo* – da *imagem* bem acabada”. “Poderia, você, passar-me um pouco da sua experiência, em aula individual?” – arrisquei. “Sempre pensei na utilidade do *lab-pas-satempo*”. E perguntou: “Você não sofre de claustrofobia?” “Por quê?” – estranhei. “Pois lhe conto, tive o aluno excêntrico: aula individual, como você propõe, e gratuita! *Retrato-o* para você – psicanalista ou não –, o caso paradoxal. Tratava-se de religioso – nativo de outro país pobre latino-americano – jovem, inquieto, imaturo. Suponho que se

lhe afigurasse, eu, a mistura de genitor e irmão. Seu interesse material parecia em conflito com o espiritual. Se possuía virtude, era o que menos transparecia. Se tinha noções de teologia, mantinha-as à sombra. Libações – alta-gradação etílica – não o tiravam da retilínea. Pastor moderninho – peregrino da noite enturmado com moças e rapazes –, participava de animados espetáculos da madrugada, o que contrastava com o meu temperamento, pois jamais me fez falta a noitada. Noites, para mim, foram em cascata, as de plantão na oficina social. Eu desenvolvía atividade complementar; efetuava *retouques* em instrumentos valiosos, habilidade artesanal que aperfeiçoara com o tempo. Por isso, apesar de ter deixado de ser carola – os curas sabiam desse meu lado –, era requerido pela confraria para reparos de peças supostamente sacras; daí meu acesso ao claustro. Raros na irmandade, a não ser os avançados em idade, irradiavam a elevação eclesial. Nunca cheguei a medir a real extensão do comprometimento com o discípulo, quicá, envolvido em militância política. Entre uma e outra lição, trouxera-me – sob tempestade, noite avançada –, misteriosas criaturas que precisavam com urgência de foto documentária. Jamais fiz pergunta sobre irregularidades; amigo não é pra isso? Suponho que, à época, autoridades soldadescas mantivessem a



confraria sob desconfiança. Se não cheguei a ser preso e questionado, foi porque sempre atuei de Sul a Norte, de Leste a Oeste do País... servindo bóias-frias do Vale do Tietê, trabalhadores rurais do Paraíba do Sul e do Vale do Ribeira... socorrendo, amparando, como é da minha primeira profissão. Meu aprendiz decidiu montar o laboratório no seu templo. Comecei por ensinar-lhe o bê-á-bá: *manejo da máquina, eleição do filme, temas de interesse, paisagem, flagrantes, retrato artístico...* Sei o que passou por sua cabeça, mas não tratei do nu artístico, de nenhum dos dois gêneros humanos. Cumpriu, um a um, os tópicos do *processamento da imagem*. Empolgou-me pelo aprendizado fácil e entusiástico. Cedi-lhe, de bom grado, acessórios para disposição do seu *quarto escuro*. *Darkroom* instalado, retornou a mim – pela última vez, note! –, sucumbido. Antes que você me pergunte por quê. Porque sozinho, encerrado, descobrira a inaptidão para a tarefa! Segundo o próprio – com todas as letras –, c-l-a-u-s-t-r-o-f-o-b-i-a! Bem diferente do pastoreio – o noturno urbano –, o que acha?! Não aludi à associação *câmara escura/exame da consciência*? A raiz de claustrofobia não diz respeito à sede do culto? O meu clérigo deveria estar familiarizado com confissão e claustro, o que não funcionou”. “Ora! Como médico – não analista, desde já esclareço –, sou tentado a teorizar” – interrompi. “Mas devo reconhecer que você, além de fotógrafo, está aprovado também como perito-desenhista de *retrato-falado*. O que delinheu parece corresponder àquele que abraçou o hábito – ministro da fé – mais pelo escape da família prolífica de baixa renda do país de origem que pela voca-

ção verdadeira. Fechado e só, ter-lhe-ia faltado, sim, o pai substituto: você, amigo e mestre-técnico! Para agravar, o moço que professara servir a Deus não se livrara dos traços do garotão, em desacordo do acólito só-predicados! Então, meu caro, das duas uma, na cela escura também não sentiu ao seu lado o Criador ou, muito ao contrário, Sua Presença foi-lhe penosa pelo julgamento que Ele teria proferido: ‘Filho e amado apóstolo: conduta reprovável! incompatível!’ Concorde, fotógrafo, com as *tomadas de cena* que acabo de *rodar*? Não o procurou mais?” – indaguei. “Não, não me procurou, mas em compensação... *zzzzzzt...*, subiu feito rojão na hierarquia da congregação; chegou a secretário-geral do sacerdote-mor! De genitor ou irmão de fantasia, seja lá o que fui, passei ao *negativo*, àquela *fotominiatura* milimétrica, 24 X 36, da qual não lhe interessou a *cópia ampliada*. A essa altura, só não perdeu a cor por ser *preto & branco*, mas deverá estar irremediavelmente *velada*, danificada, sabe por quê? Deixou de comparecer à última e indispensável lição: *a conservação permanente do negativo*”. Para terminar, aduzi: “Mas não fique magoado, colega! No seu *arquivo*, tratou-se de registro ímpar; ademais, *reprodução*, se não estou errado, não é o que ocorre a toda a hora na sua área de trabalho. O servo do Senhor pode ter aproveitado a lição; Jeová, que não apenas julga e condena, encaminhou-o, talvez, para outra via. Não afirmou, você, que o moço foi adotado por dignidade eclesiástica mista de pai terreno com o espiritual? Não vê, você, como ele persiste na busca do mistagogo? O sacerdote-menino deve ter ultrapassado sua

fase tumultuosa. Pense e responda-me: nos primórdios não fomos, todos nós, o *tanque de revelação*, essencial, para tornar o nosso comportamento definitivamente *fixado*? Desculpe, amigo, pelas expressões analógicas; adotei-as para que melhor compreenda o que aconteceu com seu padre jovem. Mas não espere pela reedição de tal imprevisto: improvável, em tempos de *foto digital*.”

Soou a campanha. O fotógrafo pôde confirmar. “Se é realmente seu desejo, conte comigo. Mas se prepare para o balanço da existência no confessional, quero dizer, na *câmara escura*! E que não sofra de... letra por letra: claustrofobia, medo de ficar fechado!”

Tempo esgotado, médico, eu – com minha historiografia –, fotógrafo, ele – armado de sua *fototeca* –, dirigimo-nos às respectivas salas de aula. Fariamos *exposições e revelações*, enquanto eles – sorridentes velinhos universitários –, espocariam, adicionais, esplêndidos *flashes* de suas vidas. Mas irremediavelmente – dois provector mestres –, perdêramos o reconfortante e aromático chá com bolacha de água e sal em companhia dos sorridentes, gratos e leais componentes do *Álbum-Animado-Discente/UATI/Unifesp/EPM*: comunicativa *foto antiga* perfeitamente conservada, não requerente de *retoque*, sem versos, mas poesia...

Arary da Cruz Tiriba

é médico sanitário,

membro da Academia de Medicina

de São Paulo, professor titular

(aposentado, em atuação voluntária)

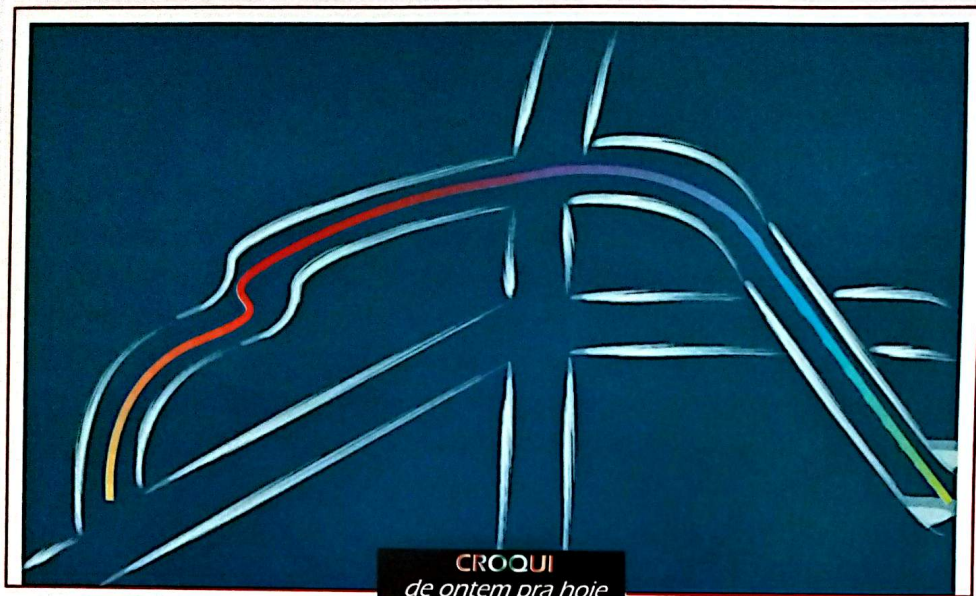
da Unifesp/EPM

e docente da UATI



Caminhando com Altino Arantes

Paulo Bomfim



CROQUI
de ontem pra hoje

José Oswald Nogueira de Andrade, pai de Oswald de Andrade, deu o nome de Cerqueira Cesar ao bairro que surgia em seus terrenos, onde instituiu pensonato para meninas pobres, sob a orientação das Irmãs Passionaristas.

Açorianos que chegam a São Paulo vão adquirindo propriedades nas terras da antiga Chácara das Jabuticabas.

Na Rua Frei Caneca, mártir da Confederação do Equador, em 1881, imigrantes provenientes da Ilha de São Miguel, passam a residir na Chácara da Bela Cintra, constituindo a Irmandade do Espírito Santo, culto tipicamente açoriano.

Em 1908, José Paim, em pagamento de promessa, inaugura no outeiro da Rua Frei Caneca o templo que ainda encanta o bairro que se transforma.

Esse logradouro possui características especiais, que vão da maternidade hoje desativada à Casa de Dante, onde

convivi com Eduardo Bizzarri, adido cultural italiano, autor da excelente tradução da obra de Guimarães Rosa para o idioma de Petrarca.

Na esquina da Frei Caneca e Luiz Coelho, morava Altino Arantes, Presidente do Estado, cuja residência frequentei assiduamente com meu pai. Ambos, antigos alunos do Colégio São Luiz de Itu, possuíam lembranças comuns dos tempos de estudante e da época que meu avô Francisco Bomfim mandava erguer a Capela de São Benedito, em Cravinhos, e fundava a Vila Bomfim.

Foi nessa casa hospitaleira que nasceu minha primeira candidatura à Academia Paulista de Letras, quando concorri com Lucas Nogueira Garcez.

Durante muitos anos, acompanhei doutor Altino em passeios pelo bairro. Falava-se da amizade que o ligou a meus bisavôs Guilherme Lebeis e Car-

los Batista de Magalhães, dos tempos do Hotel de França e da fundação da Estrada de Ferro Araraquarense. Narra histórias da República Velha e da tragédia que as revoluções de 1924 e 1930 representaram para São Paulo.

Passávamos, às vezes, pela casa da doutora Carlota Pereira de Queirós, a primeira deputada na Constituinte de 1934. Depois, íamos até a Igreja do Divino Espírito Santo conversar com Monsenhor Paulo Florencio de Camargo, que escrevia *A Igreja na História de São Paulo* e *a História de Santana de Parnaíba*.

O templo fora decorado pelo pintor Antonio Paim, filho dos açorianos que deram alma ao bairro. Desenhista, caricaturista e ceramista, realiza, em 1928, exposição de seus trabalhos, em que se destacam "O Coronel à paisana", "Jeca Tatu" e o "Capoeira". Durante alguns anos, escreveu e ilustrou suas crônicas no *Correio da Manhã*, assinando capas de livros de Alvaro Moreyra, Pereira da Silva e outros autores.

Meio século mais tarde, volto ao adro da Igreja do Divino Espírito Santo à procura das quermesses de outrora e da música das matinês dançantes de Madame Poças Leitão. Sinto que tenho a idade daquele velho presidente que confidenciava ao jovem poeta segredos de uma cidade que já foi pequena no tamanho e grande em seus homens.

Paulo Bomfim

é membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Paulista de História

Etiqueta funerária

Adriano Bonanomi

Os idosos, na maioria conservadores, são frequentemente alvo de gozações por parte de amigos íntimos, pelo fato de comparecerem a velórios, féretros ou Missas de 7º dia com paletó e gravata. Mais fácil seria lembrá-los que cada um sabe de si.

Todavia, há que se constatar que, quando nos são oferecidas gordas empadas e sofisticados bolos – festa de casamento –, caprichamos no traje completo e sapato italiano, acompanhados no mesmo esmero pela esposa ou namorada e nossos familiares.

O saudoso colega e célebre teatrólogo Silveira Sampaio descrevia com muito humor e cáustica ironia que o caracterizava

a festa de casamento: “Missa na Candelária, seguida de baile no Fluminense.” Todos os presentes, certamente, muito bem vestidos. Desses, se caso posteriormente comparecessem às exéquias do mesmo nubente que lhes brindou com empadas, muitos compareceriam “à vontade” – sem paletó, camisa de meia manga e calça jeans.

Os familiares do finado receberão do mesmo partícipe da festa os mesmos abraços fraternos, desta feita, de condolências que muitos, distraidamente, os dão acompanhados de descabidos e inoportunos largos sorrisos.

Curioso é observar que, quando vamos falar a um figurão político ou a um Diretor de Banco, cuidamos de comparecer bem vestidos. Nos *trincs*. Na Comunhão, em que se recebe Deus, aquele que tão esmeradamente se apresentou ao político ou ao banqueiro é comum, ao receber a Hóstia Sagrada, estar de abrigo de esporte e sandálias. Já não vigora a antiga expressão usada por nossos pais na nossa infância: “O terno da Missa”.

É comum e prudente que, ao recebermos um convite para jantar, perguntemos qual o traje. Isso para que anfitrião e convidado estejam igualmente vestidos. É praxe antiga e de bom tom, ainda observada. Seria incômodo (pelo menos, para mim) e desprestígio, para quem nos acolhe, comparecermos de roupa esporte diante quem nos convida, se este estiver vestido “al completo”.

Ora, dificilmente a família do falecido nos receberá na Missa de 7º dia sem portar paletó e gravata, o que deve nos induzir a nisso acom-

panhá-la. Devemos também lembrar de não pedir, quando os formos cumprimantar, que nos contem todo o histórico do passamento, em respeito à fila dos demais presentes, a exemplo do que fazem muitos de pouco ou nenhum desconfiômetro.

Há colegas que, por evidente demagogia, comparecem às exéquias de uniforme branco. Certamente, com isso pretendem demonstrar que sua enorme clínica não lhes concede tempo sequer para trocarem de roupa.

Recentemente, participei de duas missas fúnebres, nas quais cruzei com dois de nossos maiores Mestres: professores Adbi Jatene e Sebastião Mesquita Sampaio. O primeiro, por ocasião do falecimento da esposa do doutor Alberto Caputo, notável anestesiologista, um dos pioneiros da introdução, em nosso país, da moderna Anestesiologia, na década de 1940; o segundo, na celebração religiosa em intenção da alma do professor Fernando de Souza Lapa. Todos os ilustres médicos citados anteriormente estavam sóbria e corretamente vestidos, sem uniforme branco e, com certeza, não por falta de clientes...

Certa feita, ao trocar impressões com dileto e culto amigo, sobre o desaparecimento cada vez maior da respeitosa Etiqueta Funerária, recebi como resposta um espantado: “Ué, o que é que tem?!”

Deve-se atribuir a crítica que faço a este modernismo, algoz implacável das velhas tradições, ao número muito baixo do meu CRM, 1219.

Adriano Bonanomi
é oftalmologista



A teia

Sinto a poesia assim
saber
que entre você e eu
existe alguma coisa
etérea
eterna

liame

essência comum
a você e a mim.

Verão, 2004

Hudson Hübner França

Ode dos Antigos

Éramos jovens, ficamos velhos.

Éramos fortes, ficamos fracos.

Éramos muitos, ficamos poucos.

Éramos somos, ficamos éramos.

Samoel Atlas

Divina Comédia Humana

I

Na fimbria das montanhas
Começam os círculos do inferno!

Do alto do arranha-céu
Satanás tenta Jesus!

II

Vida vertical de apartamentos
Sem contemplação aos rés do chão!
Os horizontes, ao alto,
Forçam-nos a baixar os olhos.
– É obrigatório restituir a alma ao mundo!

Os horizontes devem ser contempla-
dos de baixo!
Mas os arranha-céus escondem Deus!

O apartamento do 30º andar
Não é o último degrau para o céu!
– Rondam sacadas anjos tentadores...

III

Como é rico, às segundas,
O Registro Policial!
O jornal é a triste Bíblia
De todos os desconfortos!

Paulo Fraletti

Em memória de Oswaldo Gianotti

Este mundo é paradoxal.
Muitas vezes a inversão nos espanta.
Aqui estou, um velho Professor
A falar de um jovem aluno.
Um velho falando de um moço,
Um aposentado falando de um ativo.
Um velho vivo falando de um jovem morto.
Mas o paradoxal não termina aqui:
A partida em silêncio
Tumultua com a notícia a Escola e o mundo.
O passado reverencia a morte pela perda do futuro.
O ontem lamenta o apagamento do amanhã.
O vazio do ausente
É recheado pelos sulcos de sua passagem,
Tudo mais torna presente no moço que foi para o futuro
E ficou no passado.
Para encerrar este preito de saudade,
A um jovem aluno que muito nos ensinou,
Reporto-me aos versos de meu pai George Atlas
Que, há noventa anos, disse:
“Chegamos e partimos qual a marcha dos ventos... e, a marcha dos ventos, quem pode traçar?”.

*Homenagem póstuma realizada na Comissão
de Ética e Pesquisa da Escola Paulista
de Medicina, Unifesp*

Samoel Atlas

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira